



ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO DO RELATO MEMORIALÍSTICO NA IMPRENSA ALTERNATIVA BRASILEIRA DURANTE A DITADURA MILITAR: UM ESTUDO A PARTIR DO DEPOIMENTO DE ZIRALDO NO PROJETO *RESISTIR É PRECISO*¹

PEDRO NETO, Leopoldo, Mestre em Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul²

SILVA, Marcos Paulo da, Doutor em Comunicação Social
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul³

Resumo:

O artigo tem por objetivo analisar os registros memorialísticos de profissionais da imprensa alternativa referentes ao período da ditadura militar brasileira (1964-1985). Como corpus empírico, optou-se pelo depoimento que o cartunista Ziraldo Alves Pinto forneceu ao projeto *Resistir é Preciso*, advindo do *Instituto Vladimir Herzog*. Parte-se do princípio de esses registros atuam como legitimadores da proeminência intelectual, política e material dos jornalistas no século XX. Em sua construção metodológica, a pesquisa percorre dois eixos: 1) Analisa as condições de produção de *Resistir é Preciso*, no intuito de contextualizá-lo; 2) Decupa os principais trechos do depoimento de Ziraldo para compreender como se articulam as estratégias de legitimação e de simbolização construídas. Como resultados, infere-se a relevância do projeto *Resistir é Preciso* para a narrativa coletiva (BOSI, 2003) da resistência cultural (NAPOLITANO, 2015) à ditadura, como também entende-se que o relato do agente em questão operacionaliza um *ethos* (BOURDIEU, 2008) de resistência jornalística (PEDRO NETO, 2020) fundamentado por memórias do combate realizado pelo *Pasquim* ao Estado autoritário.

Palavras-chave: História da Mídia Alternativa. Sociologia da Cultura. Ziraldo. O Pasquim. Resistir é Preciso.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Formado em Comunicação Social – Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Realiza pesquisas relacionadas à constituição do *ethos* jornalístico, imprensa alternativa e cultura das esquerdas na ditadura militar brasileira. E-mail: leeeoneto28@gmail.com.

³ Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS. Realiza pesquisas sobre aspectos teóricos do jornalismo, noticiabilidade, cotidiano e estética da comunicação



1. Para situar o debate...

Nos 21 anos de ditadura militar no Brasil (1964-1985), pode-se afirmar que intelectuais, artistas, escritores e jornalistas se uniram em torno de um *ethos* oposicionista ao regime, apoiado em valores de diversos matizes do pensamento de esquerda, que criticava a legitimidade simbólica do projeto de poder instaurado pelos militares (NAPOLITANO, 2015; 2018) com apoio da burguesia nacional. Com o cenário de desgaste do regime e o processo de redemocratização, houve um aumento no número de pesquisas preocupadas em abordar as contestações intelectuais, profissionais e artísticas ocorridas no período autoritário. Entre o começo dos anos 1990 e 2010, uma série de trabalhos se debruçou sobre a memória e a história dos jornalistas atuantes no século XX. (MORAES, 2020).

Resultante desta rica discussão acadêmica consequente das décadas de pesquisas históricas, este artigo – componente de um estudo mais amplo, em nível de pós-graduação – tem por objetivo demonstrar a proeminência de registros memorialísticos de jornalistas como forma de legitimar a existência material, política e intelectual de personagens fecundos da história da imprensa brasileira. Do ponto de vista empírico, realiza-se uma análise do depoimento de Ziraldo Alves Pinto, fornecido ao projeto *Resistir é Preciso*⁴. Em um viés analítico, a escolha de Ziraldo deve-se ao fato do agente ser componente d'*O Pasquim*, uma das principais experiências da imprensa alternativa à época da ditadura militar, junto de periódicos como *Opinião* e *Movimento*. Na década de 1970, *O Pasquim* chegou à tiragem de vendas de 225 mil cópias em seu auge de vendas. (KUCINSKI, 2018).

⁴ *Resistir é Preciso* é o título de um projeto com a intenção de recuperar a história da resistência cultural e política contra a ditadura militar brasileira. Em sua totalidade, se divide em cinco projetos complementares, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No site <https://resistirepreciso.org.br/> estão organizadas as informações primordiais. No endereço, consta uma aba com cinco seções. Intitulada “Protagonistas Desta História”, a seção inicial possui depoimentos e uma pequena biografia dos sessenta jornalistas, intelectuais e militantes políticos que atuaram no campo jornalístico no combate à ditadura-militar. Embora os depoimentos em questão estejam presentes de forma sucinta no site, os relatos na íntegra foram disponibilizados pelo *Instituto Vladimir Herzog* para realização da dissertação de mestrado – da qual este artigo é resultado parcial – intitulada “Construção do ethos de resistência jornalística na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira: estudo dos depoimentos do projeto *Resistir é Preciso*”.



Nesse sentido, este trabalho se ampara nas seguintes questões: 1) Como o site do projeto *Resistir é Preciso*, no qual se insere o depoimento do agente analisado, contribui enquanto plataforma de informações sobre a memória de jornalistas que resistiram à ditadura? 2) Qual a percepção de Ziraldo sobre o período em que atuou n’*O Pasquim*? 3) Na entrevista, quais aspectos de sua fala demarcam as memórias do período?

De antemão, o artigo se ancora nos seguintes pressupostos: 1) *Resistir é Preciso* contribui para o debate sobre a imprensa alternativa e a resistência cultural. O site, por seu turno, se pauta em narrativa coletiva (BOSI, 2003) das esquerdas, que encara o período ditatorial sob a ótica da resistência (NAPOLITANO, 2015) em contraposição ao autoritarismo vigente; 2) Ziraldo se posiciona como um agente consagrado no campo jornalístico devido ao seu capital simbólico, sendo *O Pasquim* a sua instância de consagração; 3) Como estratégia de legitimação, o depoimento do cartunista se utiliza de memórias que visam posicioná-lo como um dos diversos profissionais atuantes no plano da contestação cultural à ditadura militar brasileira (NAPOLITANO, 2015; MORAES, 2020). Outrossim, estas estratégias são componentes do *ethos* de resistência jornalística compartilhado entre os diversos agentes da imprensa alternativa (PEDRO NETO, 2020). Segundo Moraes (2020):

A elite jornalística que se consolidou entre o período ditatorial e os anos de redemocratização **se constituiu por meio de estratégias de legitimação e simbolização que podem ser deduzidas dos registros biográficos e memorialísticos de seus membros.** (MORAES, 2020, p. 86, grifos nossos).

Para responder os problemas levantados, opta-se pelo seguinte percurso metodológico: 1) Realiza-se uma análise das condições de produção de *Resistir é Preciso*, com intuito de compreender os aspectos importantes do projeto enquanto instância de reconhecimento de jornalistas proeminentes da época da ditadura; 2) Decupa-se os principais trechos do depoimento relacionados aos objetivos deste artigo. Do ponto de vista analítico, buscou-se confrontar o depoimento com elementos históricos condicionantes de sua trajetória para evitar a armadilha da ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006).



No escopo dos estudos em memória social, Ecléa Bosi (2003) reitera que as narrativas coletivas de um grupo social, intrínsecas a um mito ou a uma ideologia, são constituídas e se constituem pelos diferentes testemunhos de um acontecimento, com intenção de explicá-lo e de legitimá-lo em uma disputa por relações de poder⁵. Em tal lógica, uma classe compartilha certos elementos responsáveis por unificá-la e, assim, fornecer sentido de identificação. Para a autora: “Há portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidade àquela classe”. (BOSI, 2003, p. 18).

No âmbito das reflexões sobre os mecanismos que balizam as memórias e as visões de mundo coletivas, o pensamento de Bosi (2003) encontra respaldo com a concepção de *ethos* advinda de Pierre Bourdieu (2008) – embora se tratem de estudiosos oriundos de diferentes correntes teóricas. Para o sociólogo francês, o *ethos* é uma dimensão do habitus responsável por orientar os agentes em suas disposições, valores, representações de si mesmos, de sua classe e do mundo social. Bourdieu (2008) define o *ethos* a partir de:

[...] toda a visão do mundo econômico e social, toda a relação com o outro e com o próprio corpo, enfim, tudo o que faz o estilo próprio do grupo, afirma-se em cada uma das suas práticas, quer seja a mais natural em aparência, a menos controlada pela consciência, pela razão ou até pela moral. (BOURDIEU, 2008, p. 104, tradução nossa).

Em um processo de lutas simbólicas que objetivam as representações legítimas da realidade social, os agentes componentes de uma classe se utilizam de estratégias complexas com intuito de respaldar certas necessidades compartilhadas. Conforme Bourdieu (2015):

[...] pode-se sugerir que, à medida que as sociedades se tornam mais diferenciadas e se desenvolvem nelas esses “mundos” relativamente autônomos que chamo de campo, **as possibilidades de que surjam verdadeiros acontecimentos, isto é, encontros de séries causais independentes, ligados a esferas de necessidades diferentes, não param de crescer e, desse modo, a liberdade deixada a estratégias complexas do**

⁵ Poder, nesse sentido, interpretado como uma disputa por visões de mundo legítimas e legitimadas.



habitus, integrando necessidades de ordens diferentes. (BOURDIEU, 2015, p. 95, grifos nossos).

O artigo, por conseguinte, será analisado a partir deste local de enunciação teórica: as memórias do período ajudam a fomentar um *ethos* jornalístico de resistência no qual os agentes consagrados do campo se fundamentam a partir de estratégias de legitimação para comprovar as suas disputas simbólicas e materiais no século XX. Além deste primeiro tópico de cunho introdutório, escolheu-se dividir o trabalho em mais outras três seções: 2) A discussão sobre as condições de produção do projeto *Resistir é Preciso* e sua relação com o *Instituto Vladimir Herzog*; 3) A análise depoimento de Ziraldo; 4) A síntese das reflexões realizadas a partir das considerações *possíveis*.

2. Condições extrínsecas de produção de relatos memorialísticos: o *Instituto Vladimir Herzog* e o projeto *Resistir é Preciso*

O relato de Ziraldo integra um escopo de depoimentos advindos de um projeto que passa por uma instância legitimadora justificante de sua relevância: o crivo do *Instituto Vladimir Herzog*, uma das principais organizações atuantes na luta pela memória e pela história do autoritarismo vivenciado na ditadura militar brasileira. Com o objetivo de preservar a representação de luta sistematizada pelo emblema do jornalista Vladimir Herzog, a Instituição sem fins lucrativos, classificada como *Organização da Sociedade Civil de Interesse Público* (OSCIP) pelo Ministério da Justiça, busca discutir os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais no âmbito nacional com base nas consequências que os 21 anos de autoritarismo resultaram para o Brasil. Criado em junho de 2009 por um grupo de colegas e pela família do jornalista⁶, o *Instituto* trabalha ancorado em valores como democracia, direitos humanos e liberdade de expressão⁷. Nesse sentido, com uma equipe com mais de 60 membros⁸, presidida por Clarice Herzog – socióloga e ex-esposa de Herzog –, realiza uma série de projetos no plano político-cultural com objetivo de manter em discussão em torno de ideais democráticos,

⁶ Ver: <https://vladimirherzog.org/nossa-historia/>. Acesso em 3 de mar. 2020.

⁷ Ver: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/>. Acesso em 3 de mar. 2020.

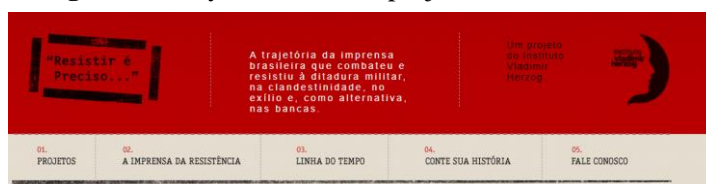
⁸ Ver: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/conselho/>. Acesso em 3 de mar. 2020.



ações nas áreas de educação⁹, editoração, premiação de profissionais jornalistas e outros produtos culturais¹⁰.

Resistir é Preciso se insere dentro do panorama mais amplo do *Instituto* e de sua legitimidade em relação à discussão sobre a ditadura militar. O título supracitado nomeia um projeto com o objetivo de recuperar a memória e a história da resistência cultural e política da imprensa alternativa contra o regime autoritário. Em sua totalidade, a iniciativa se divide em quatro subprojetos complementares – dois livros, uma exposição e um teledocumentário homônimo, exibido pela *TV Brasil*¹¹ –, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No site <https://resistirepreciso.org.br/> estão organizadas as principais informações.

Figura 1 – Layout do site do projeto *Resistir é Preciso*



Fonte: site do Projeto.

No endereço evidenciado, o layout do site disponibiliza uma aba com cinco seções (ver figura 1) que constituem o panorama das frentes do Projeto, sendo elas: 1) Projetos; 2) A imprensa de resistência; 3) Linha do tempo; 4) Conte sua história; 5) Fale conosco. A segunda seção disponibilizada pelo layout do site, “2) Imprensa de Resistência”, contextualiza de brevemente a atividade da imprensa alternativa no período autoritário. O texto enfatiza a oposição de intelectuais, jornalistas e ativistas políticos ao golpe de Estado e à ditadura que o deu seguimento:

⁹ Ver: <https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>. Acesso em 3 de mar. 2020.

¹⁰ Ver: <https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>. Acesso em 3 de mar. 2020.

¹¹ É a partir dos depoimentos do documentário que se realiza a análise empírica deste trabalho. Embora na página da iniciativa estejam disponibilizadas as entrevistas, estas foram disponibilizadas na íntegra para a realização de uma pesquisa mais ampla em nível de Mestrado. Ver: Pedro Neto (2020).



Entre 1964 e 1979, o ano em que as forças democráticas conquistaram a anistia, centenas de publicações produzidas à margem dos aparatos institucionais de comunicação deram voz à resistência política e cultural no Brasil. **Disputaram palmo a palmo o campo simbólico em que os donos do poder tentavam legitimar a dominação pela força. Enfrentaram a truculência da censura e da perseguição policial. E conseguiram se impor graças à capacidade de inovar não apenas a agenda temática, mas a própria linguagem e os códigos formais com que se expressava o debate público no país.** (RESISTIR É PRECISO, 2011, grifos nossos).

A utilização de certos elementos retóricos – como “disputa no campo simbólico com os donos do poder”, “enfrentamento da truculência da censura e da perseguição policial”, “capacidade de inovar a linguagem e os códigos formais” – demonstra que a construção simbólica, feita para classificar os diversos agentes de contestação à ditadura militar, corrobora com a legitimação de um *ethos* de resistência fundamentado por memórias do período. Nessa lógica, compreende-se que os entrevistados no projeto *Resistir é Preciso* são dotados de capital simbólico por se tratarem de jornalistas reconhecidos por sua tenacidade ao projeto ditatorial.

Para encerrar esta etapa da análise, o último elemento importante, do ponto de vista de condições objetivas de constituição do *Projeto*, se trata de ressaltar a temporalidade de sua realização. Como indica o próprio site, a iniciativa foi produzida entre os anos de 2009 e 2010, período marcado pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no qual havia mais abertura no espaço público institucional para o debate sobre as consequências da ditadura militar – tendo em consideração que Lula foi um dos líderes das greves operárias ocorridas no fim do regime, entre 1978 e 1980. Com a eleição de Jair Messias Bolsonaro (filhado ao Partido Social Liberal até 2019 e atualmente sem partido), candidato que demonstrou entusiasmo com a ditadura em diversas declarações, a relevância de ações como *Resistir é Preciso* se reafirma e adquire novos sentidos enquanto instância de legitimação do papel da resistência cultural das esquerdas no período ditatorial. (NAPOLITANO, 2015).

Pretendeu-se neste tópico de uma análise dos principais elementos do site no qual se ancora *Resistir é Preciso*, como também da plataforma das entrevistas que irá servir como suporte para a empiria deste estudo – o depoimento de Zivaldo Alves Pinto.



3. O relato, o humor e o combate: Ziraldo e o legado pasquiniano em *Resistir é Preciso*

Nesta seção, a intenção é analisar o depoimento de Ziraldo para compreender as estratégias utilizadas pelo agente para legitimar sua trajetória jornalística.

Quadro 1 – Informações sobre o depoimento do agente

Duração do depoimento	38'15''
Período histórico	1969-1988

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora o relato remeta ao período d'*O Pasquim*, mostra-se salientar ressaltar que a entrevista foi gravada no ano de 2010.

3.1 O contexto d'*O Pasquim*

O Pasquim não se enquadrava nos jornais com vertentes políticas – no sentido de influência direta do pensamento de esquerda dominante, de cunho marxista – e buscava suas inspirações, seus modos de fazer e de pensar o jornalismo, em outros movimentos político-culturais que exerceram influência no século passado. De tal modo, o periódico evidenciava suas tendências anárquicas ao procurar democratizar as relações entre seus membros e em seu empenho pela liberdade comportamental. As influências do jornal eram oriundas dos movimentos de contracultura surgidos nos Estados Unidos e em vários países da Europa entre as décadas de 1950 e 1960, como também no existencialismo de verve francesa do filósofo Jean-Paul Sartre. O foco do veículo, por ventura, se recaía na crítica aos costumes convencionais, ao moralismo da classe média (KUCISNKI, 2018) e também na utilização do humor como forma de deslegitimação do regime.

Em relação à época histórica do jornal, *O Pasquim* foi uma experiência longínqua no panorama da imprensa alternativa. Seu primeiro número foi publicado em junho de 1969 e percorreu uma extensa trajetória até o fim da década 1980, mais especificamente em 1988 – contudo, pode-se afirmar que o seu apogeu ocorreu na



década de 1970, período em que atingiu tiragens de até 225 mil exemplares (KUCISNKI, 2018).

3.2 Ziraldo e a memória da resistência pela comicidade

O caráter profícuo da experiência de *O Pasquim* pode ser notado quando o próprio Ziraldo (2010) questiona a razão do *Projeto* querer entrevistá-lo; pois, em sua visão, os debates sobre o jornal estariam esgotados:

Eu tô falando, eu não sei porque vocês ainda querem falar sobre *O Pasquim*. A sensação de que já tá esgotado *O Pasquim*. O Jaguar se preserva um pouco [...]. Ele e o Millor é muito difícil [...]. Então sobra pra mim, sobra pro Sérgio Cabral, então a gente contou mil vezes a nossa versão.¹²

O capital simbólico e o capital social são os tipos de capital que dependem do reconhecimento de outros agentes do campo. Quando Ziraldo reafirma que a rede de contatos, composta por Jaguar, Millor Fernandes e Sérgio Cabral, é muito solicitada para discorrer sobre o periódico satírico – tópico que, de acordo com o próprio cartunista, está esgotado – percebe-se que o destaque d’*O Pasquim* é notabilizado até o período contemporâneo; o que sobreleva o veículo enquanto instância de consagração dos seus participantes: “[...] E *O Pasquim* foi de todos os jornais dessa tendência, o que durou mais, o que teve mais importância. **O que mudou um pouco a história da imprensa brasileira.** Ele durou de [19]69 a [19]80” (ZIRALDO, 2010, grifos nossos).¹³.

No início de sua experiência, o agente relata que suas preocupações fugiam do escopo político e que ele passou a trabalhar com charges políticas somente após o golpe e o acirramento da ditadura com o AI-5; momento no qual “todos viraram políticos”. Ziraldo, nesse período, procurou aglutinar novos humoristas no *Cartoon JS*, espaço disponibilizado pelo *Jornal dos Sports*. Em um panorama de liberdade de imprensa

¹² Depoimento de Ziraldo a Ricardo Carvalho. Entrevista fornecida ao projeto *Resistir é Preciso* no ano de 2010. Do ponto de vista de organização formal deste artigo, os minutos dos trechos decupados serão inseridos nas notas de rodapé entre colchetes. [0:36- 01:04].

¹³ [1:37-01:56].



cerceada, o jornalismo considerado mais “sério”, do ponto de vista de preocupação sócio-política, ocupava menos espaço em um campo constantemente regulamentado pela classe dominante. Com o acirramento do regime, na perspectiva do AI-5, limitavam-se os locais onde chargistas poderiam publicar seus trabalhos – o que demonstrou a necessidade de um veículo de imprensa com intuito de agregar diversos humoristas e chargistas brasileiros com inquietações no âmbito político. Como relembra Ziraldo (2010):

Nós éramos – Millôr, Jaguar, Fortuna, Claudius e eu –, nós éramos os meninos do Millôr. A gente era quatro cartunistas cujo desenho tinha uma qualidade internacional, quer dizer, os cinco podiam desenhar na França, na Inglaterra, porque a gente tava preocupado com a qualidade do desenho, a gente era desenhista de humor. Primeiro livro que saiu com nosso trabalho era assim: “Dez desenhistas de humor”, a gente não se chamava de caricaturista [...]. **Eu não fazia charge política, eu era cartunista só, preocupado com a qualidade do desenho e tal, mas eles foram botando a gente contra a parede, contra a parede, contra a parede e nós viramos todos políticos, né? E aí O Pasquim, com humor, enfrentou toda a ditadura esse tempo todo, com prisões, com bomba jogada na redação.**¹⁴. (ZIRALDO, 2010, grifos nossos).

Após a morte de Sérgio Porto e de Alberto Eça, dois jornalistas responsáveis por escrever em um pequeno veículo chamado *Carapuça*, um representante da *Distribuidora Imprensa* procurou Tarso de Castro – que seria o futuro editor-chefe na primeira fase d’*O Pasquim* – e disse que gostaria de refazer o *Carapuça*. Em contraproposta, Castro alegou que tinha interesse em produzir um outro jornal. Em tal cenário, nasce *O Pasquim*. A Shell, petrolífera anglo-holandesa, e a Distribuidora Imprensa decidiram bancar o periódico inicialmente. Ziraldo (2010), por seu turno, relembra a experiência a partir da demonstração de sucesso atingida pelo jornal: “Aí arreventou a boca do balão, a gente esperava que vendesse (indecifrável) íamos tirar dez mil exemplares, vendemos 100 mil exemplares”.¹⁵

Os momentos de repressão sofridos pelos jornalistas do periódico relatados pelo cartunista remetem às memórias do humor como questionador do *ethos* autoritário

¹⁴ [3:30- 4:55].

¹⁵ [9:56- 10:01].



representado pelos militares – o que sublinha os desdobramentos do processo de resistência. Um exemplo da complexa relação entre os aparatos de repressão política e os agentes d’*O Pasquim* foi o momento em que a redação do veículo foi presa e passou meses na cadeia. Ziraldo (2010) relata que foi aprisionado por três vezes, com destaque para o ano de 1972, quando toda a redação d’*O Pasquim* foi encarcerada¹⁶:

Eles me deram mais de noventa dias porque são várias prisões, né? Dois natais. Um carnaval. Sempre faziam sacanagem de pegar a gente no Natal.¹⁷. [...] No AI-5 eu passei a noite inteira escondendo gente [...]. Escondendo gente aqui, ali. Eu achava que eu não tinha nada. Quando foi de manhã no domingo, eu tô em casa, o porteiro diz: “Ziraldo, tem um pessoal de Niterói aqui, universitários, e eles querem convidar você pra paraninfo”. Falei: “domingo, pô?”. É, mas eles querem subir. Falei: “Manda subir então”. E aí, eu tinha um estúdio no terraço, que a entrada era longa pra poder chegar, entendeu? E aí eu falei com o meu irmão: “abre a porta lá”. Quando meu irmão abriu a porta fez [barulho de coturno]. Falei: “que universitários são esses?”.¹⁸. [...] Eu tava desenhando, de manhã, de cueca [...]. Aí a minha mulher deu um esporro neles: “ô seus idiotas, pra que apontar a arma pra eles? Olha, esse é um idiota, isso nunca pegou num revólver na vida. Para de apontar a arma. Que que cês querem?”¹⁹

Os integrantes d’*O Pasquim* foram presos em conjunto, pois os militares acreditavam que os jornalistas eram membros do comunismo internacional (KUCINSKI, 2018), destarte a própria questão do jornal se calcar no satirismo também provocasse o *ethos* autoritário da censura. Ziraldo (2010, grifo nosso) transparece certa tranquilidade ao relatar o momento que passou em cárcere, por mais que tenha passado por uma trinca de constrangimentos. Para lidar com a lembrança do autoritarismo da sua prisão, o agente opta por contar uma piada ao sargento que encabeçava sua prisão em pleno AI-5:

Eu entrei no fusca e fui pro Forte de Copacabana com eles [...]. Aí eu falei pro meu irmão: pega uma pomada aí que eu tô com... eu fico nervoso e fico com o r*bo coçando, preciso da pomada. Aí, o meu irmão foi correndo [...]

¹⁶ Um relato interessante sobre a prisão dos membros d’*O Pasquim* pode ser conferido sob a ótica de Luiz Carlos Maciel, conhecido como “guru da contracultura” devido à sua coluna “Underground” n’*O Pasquim*. Conferir: Maciel (1996).

¹⁷ [18:27- 18:35].

¹⁸ [18:46- 19:39].

¹⁹ [19:40- 20:03].



com a pomada e jogou pra mim a pomada. Mas o idiota do meu irmão comprou uma vaselina. Aí eu falei: “Sargento, meu irmão é precavido, já que cês vão botar em mim, tá aqui a vaselina”. (ZIRALDO, 2010, grifos nossos).

Quando rememora, ele fala que “se divertia bastante” apesar de estar preso, e que os agentes d’*O Pasquim* chegaram a fazer amizade com o sargento responsável pelo comando: “A gente ficava preso lá na cela, cheia de mosquito [...]. Conversava, batia papo, jogava dama, escrevia diário, desenhava. Não, a gente se divertia muito [risada].²⁰ [...]. O coronel era ótimo, o coronel ficou amigo da gente pra burro [...]”.²¹ (ZIRALDO, 2010).

A manifestação do seu *ethos*, nesse sentido, é demonstrada pela estratégia de posicionar a sua resistência ao período enquanto deslegitimadora simbólica do regime pelo humor. Quando evoca o ofício de cartunista e afirma que, historicamente, sua função é “passar o riso em volta do tirano”, Ziraldo rememora os princípios responsáveis por orientar suas práticas e representações – a utilização do humor, mediado pelos cartuns, como forma de questionamento do autoritarismo da ordem vigente.

Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse atravessado esses anos de fundo sem participar da resistência, entendeu? Porque uma grande quantidade de jornalistas tem uma certa tristeza de não ter tido coragem. Tem uma certa, assim... uma certa implicância com a gente, porque, de qualquer maneira, pra todos os efeitos, a gente foi para os externos corajosos, a gente botou o da gente na seringa. **A gente foi lá e disse: “não concordo com essa merda!”.** A gente foi! Agora, não tem heroísmo nenhum nisso, isso é da natureza da pessoa... **Todos os cartunistas do mundo, desde a invenção da imprensa, desde os franceses, os ingleses e tudo mais, sempre passaram o riso em volta do tirano.** Quer dizer, a gente tinha mais ou menos isso [...] era um sentimento que... a gente não podia ficar fazendo cartum.²² [...] A gente tinha essa consciência de que a gente tava vivendo um momento histórico e a gente tinha que **repetir** o pessoal do [Honoré] Daumier, os ingleses lá. [...] Mas é isso, a gente entrou porque era inexorável, a gente não tinha como não participar.²³ (ZIRALDO, 2010, grifos nossos).

²⁰ [23:39- 23:53].

²¹ [25:46- 25:49].

²² [34:51- 35:58].

²³ [36:49- 37:18].



Um aspecto do *ethos* de resistência dos jornalistas no período muito evidenciado por diferentes agentes se trata de uma disposição (tendência) contestatória (PEDRO NETO, 2020) que é lembrada com certo apreço por esses profissionais. Percepções como “a gente não tinha deixar de participar”, “Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse participado” mostram a divisão existente no campo entre os jornalistas que atuaram na oposição em detrimento daqueles que trabalharam na imprensa convencional e optaram por não participar da imprensa alternativa. Apreende-se, então, uma hierarquia devido ao seu capital simbólico reconhecido sob o valor da resistência.

4. Considerações possíveis

Na trilha das considerações possíveis nas quais este artigo se ancora, salienta-se propício retomar as três perguntas de pesquisa explicitadas em sua Introdução: 1) Como o site do projeto *Resistir é Preciso*, no qual se insere o depoimento de Ziraldo, contribui enquanto plataforma de informações sobre a memória de jornalistas resistentes à ditadura? 2) Qual a percepção de Ziraldo sobre o período em que atuou n’*O Pasquim*? 3) Em seu depoimento, quais aspectos de sua fala demarcam as memórias do período?

O site *Resistir é Preciso* medeia a narrativa coletiva (BOSI, 2003) da resistência cultural (NAPOLITANO, 2015) à ditadura, responsável por fundamentar o *ethos* (BOURDIEU, 2008) dessa classe. Em um período demarcado por um governo autoritário representado por Jair Messias Bolsonaro (sem partido), o site se ancora enquanto importante instância de legitimação da visão de mundo da resistência das esquerdas no período ditatorial.

Em tal horizonte, o cartunista Ziraldo representa a ideia de que *O Pasquim* foi um periódico consagrado, responsável por inovações no jornalismo brasileiro e por um sucesso comercial não característico desse modelo de imprensa (KUCISNKI, 2018). Como estratégias para respaldar a sua visão de mundo, ele se ampara nas memórias do teor cômico sobre a sua prisão e na contraposição do humor dos agentes com o *ethos* autoritário representado pelos militares; o cartunista também ressalta o protagonismo do



jornalismo no combate ao regime e se distingue de jornalistas não atuaram na imprensa alternativa.

Por fim, os três pressupostos pelos quais o artigo se assentou mostram-se viáveis quando intermediados pela análise empírica: 1) *Resistir é Preciso* contribui para o debate sobre a imprensa alternativa e à resistência jornalística e se pauta em uma narrativa coletiva (BOSI, 2003) dominante das esquerdas, que encaram o período ditatorial sob a ótica da resistência em contraposição ao autoritarismo; 2) Ziraldo se posiciona como um agente consagrado no campo jornalístico devido ao seu capital simbólico, sendo *O Pasquim* a sua instância de consagração; 3) Como estratégia de legitimação do *ethos* de resistência jornalística (PEDRO NETO, 2020), o depoimento do profissional se utiliza de memórias que o posicionam como um dos diversos profissionais que atuaram no plano da resistência cultural (NAPOLITANO, 2015; MORAES, 2020).

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2015.
- BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: no tempo da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 2018.
- MACIEL, Luiz Carlos. **Geração em Transe**: Memórias do Tempo do Tropicalismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MORAES, Vaniucha de. **Monumentos do jornalismo brasileiro**: um estudo sobre as condições de produção de biografias e memórias dos profissionais da imprensa (1970-2010). *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.27.2, ago./set., 2020, p. 86-119.



NAPOLITANO, Marcos. A resistência cultural durante o regime militar brasileiro: Um novo olhar historiográfico. In: **Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.** (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **1964:** História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2018, 365p.

NOSSA história. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/nossa-historia/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

O Instituto. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/o-instituto/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

PEDRO NETO, Leopoldo. **Construção do *ethos* de resistência jornalística na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira:** estudo dos depoimentos do projeto *Resistir é Preciso*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2020, 254p.

RESISTIR é Preciso. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://resistirepreciso.org.br/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

SÉRIE – Resistir é Preciso.... **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/portfolio-item/pecas-ponto-de-partida-e-patetica/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

UNIDADES de ação. **Instituto Vladimir Herzog:** São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://vladimirherzog.org/unidades-de-acao/>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

ENTREVISTA

ALVES PINTO, Zivaldo. Zivaldo Integra. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog,** São Paulo, 2010.